

VULNERABILIDADE | Meninas nascidas em meio à pobreza se transformam em alvo fácil dos exploradores sexuais que se beneficiam da ineficiência do poder público

Rede de proteção do Estado é frágil



FERNANDO VIVAS

Prstes a completar o terceiro mês de gravidez, Letícia deposita suas esperanças no surgimento de um "homem bom" que queira sustentá-la

JANE FERNANDES
EDER LUIS SANTANA

jfernandes@grupoatarde.com.br
eluis@grupoatarde.com.br

Na certidão de nascimento, elas carregam o mesmo nome, mas aqui serão Aline e Letícia. Separadas por mais de 500 quilômetros de estrada, suas histórias se cruzam. Nascidas na pobreza e criadas sem perspectivas, ganharam as ruas e se transformaram em parte de um círculo de exploração sexual que é facilitado pela ineficiência do Estado. Aline acaba de completar 15 anos e seu paradeiro é incerto, Letícia caminha para o 14º aniversário e está grávida.

Quem as submete à exploração sexual não são cafetinas ou rufiões e sim cada um dos clientes que lhes oferece algum dinheiro em troca de sexo. Letícia vive em Teixeira de Freitas e passa suas noites na escuridão do acostamento da BR-101, mas durante o dia pode ser encontrada na casa da mãe. Aline mora em Feira de Santana e divide seus dias e noites entre o calçadão do Feira Tênis Clube, a Praça da Matriz e as idas e vindas a Salvador, onde busca os locais mais frequentados pelos turistas.

DESINTERESSE - A primeira vez que A TARDE se deparou com Letícia, ela se aproximou desconfiada, temendo estar sendo novamente abordada pela Polícia Rodoviária Federal, que tantas vezes a levou da estrada para o Conselho Tutelar ou para casa. Sua mãe cho-

ra ao relatar os esforços para sustentar os cinco filhos desde que o marido foi assassinado. O empenho não evitou que a menina abandonasse a escola antes de terminar a sexta série.

"Fiz o possível e o impossível. Procurei o Juizado e gastei o que não tinha indo atrás dela na cidade" desabafa a diarista. A versão entra em conflito com as informações obtidas no Sentinela (programa federal para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas de violência sexual). Mesmo sem localizar a pasta de acompanhamento de Letícia, a coordenadora da unidade local, Leila Gonçalves, lembrou da tentativa de atendimento. "A família se recusou a aceitar nossa ajuda, fomos até a casa de Letícia, deixamos recado, mas tudo indica que a mãe não quis se responsabilizar pelo caso".

REJEIÇÃO - Em Feira de Santana, não faltam registros sobre as inú-



EDITORIA DE ARTE A TARDE

meras vezes nas quais Aline foi levada ao Sentinela. A primeira aconteceu no dia do seu décimo aniversário. Ela chegou se queixando de dores na pélvis e revelou ter mantido relações sexuais com uma pessoa maior de 18 anos. Abandonada pela mãe na maternidade, a menina foi criada pela avó paterna. Nessa época, a feirante de 54 anos disse não suportar mais a rebeldia da neta.

Cinco anos se passaram e sua postura não mudou. Em conversa com A TARDE, ela contou que a neta nasceu muito doente e desabafou: "Antes tivesse morrido... Deus que me perdoe". Após afirmar que o pai de Aline sempre esteve presente na vida da adolescente, a avó se contradiz quando revela não ter notícias dele há mais de um ano. Revoltada, porque na última visita Aline "carregou" sua blusa de frio ("comprada por R\$200"), afirmou, sem titubear: "na minha casa eu não quero mais".

PARADA - Letícia garante ter parado de fazer programas assim que sentiu os primeiros enjoos da gravidez. Mostrando-se preocupada com os efeitos das drogas, jura ter largado o crack. "Eu era forte, tinha mais corpo. Perdi tudo", recorda atribuindo as mudanças à substância. Só não consegue deixar o cigarro, acendido sem hesitações diante do olhar reprovador da mãe.

Aline, por sua vez, continua tendo como companheiro quase inseparável um frasco de cola de sapa-

teiro. Usuária ocasional de maconha e crack, ela foi internada contra sua vontade em uma casa de recuperação para dependente químicos. A adolescente não se adaptou ao direcionamento religioso do tratamento e fugiu. Pouco antes a direção da unidade havia comunicado ao Juiz da Infância e Adolescência que sua equipe não conseguia conter a paciente durante as crises de abstinência.

SONHOS - Ninguém sabe ao certos quais são os desejos de Aline, mas os desenhos feitos durante atividades desenvolvidas no Sentinela revelam a permanência de um olhar infantil sobre o mundo. Os anseios românticos da adolescência dão sinal na carta de amor escrita por ela mesma, mas assinada como se tivesse sido enviada por um companheiro das noites de andanças em Feira de Santana.

Parecendo ter atropelado todas essas fases, Letícia encara o futuro de forma bastante prática. A única solução percebida pela menina, que em breve terá em seus braços um bebê, é encontrar um homem com dinheiro pra lhe sustentar. A inocência preservada vem à tona no instante em que detalha como seria esse "salvador". Letícia sonha em encontrar um rapaz bom, que fosse ao Conselho Tutelar e pedisse autorização de sua mãe para cuidar dela. A menina descarta a possibilidade de esse papel ser assumido pelo pai do seu filho. Sem explicar os motivos, ela garante não querer mais vê-lo.

DEFICIÊNCIAS DO SISTEMA

Conselho Tutelar e Programa Sentinela de Teixeira de Freitas sem preparo no atendimento a Letícia, 13 anos

13/4/06

Encaminhada para o Conselho Tutelar pelo Juizado da Infância e Adolescência que a encontrou na BR-101. Foi levada ao Sentinela, mas resistiu ao atendimento.

FALHA:

Provavelmente teria aceitado o acompanhamento se tivesse encontrado pessoas realmente preparadas para lidar com os aspectos envolvidos na exploração sexual comercial.

20/7/06

É encontrada pela Polícia Rodoviária Federal (PRF) na BR-101 e levada para a casa dos pais. O Conselho Tutelar apenas foi comunicado sobre o fato.

FALHA:

Ela deveria ter sido encaminhada ao Conselho Tutelar. A polícia precisa receber informações dos caminhos legais a serem percorridos.

26/8/06

Levada pela PRF ao Conselho Tutelar. Funcionários do Sentinela passam a fazer o acompanhamento domiciliar, mas ficam temerosos de frequentar o local devido à violência.

FALHA:

Os conselhos tutelares e as unidades do Sentinela precisam ter garantias de segurança. Uma possibilidade é o acompanhamento de um agente da segurança pública à paisana.

15/10/06

Novamente encontrada na BR-101 pela PRF que a encaminha ao Conselho Tutelar. Conselheira percebe que Letícia está grávida.

FALHA:

É preciso que ela seja encaminhada para atendimento em instituição com programas voltados para adolescentes grávidas.

Ao longo de cinco anos, a rede de proteção de Feira de Santana não produziu mudanças na vida de Aline, 15 anos.

28/11/01

Encontrada na rua de madrugada e levada ao Conselho Tutelar.

18/3/02

Levada ao Sentinela, se queixava de dores na pélvis por ter mantido relação sexual com pessoa maior de idade. Foi encaminhada para exames.

7/6/02

Estava na Casa de Acolhimento ao Menor (CAM).

FALHA: Não deveria ser encaminhada para a CAM, que é uma entidade direcionada para crianças e adolescentes em conflito com a lei.

30/8/02

Tinha exame médico marcado, mas chegou antes da hora e acabou não retornando.

FALHA:

Exame teria sido realizado, se o Sistema Único de Saúde contasse com pessoas preparadas para dar atendimento específico e prioritário a essas meninas.

24/2/03

Após a avó se negar a recebê-la em casa, ela é encaminhada para a Casa de Custódia de Feira de Santana.

14/7/04

Após permanência de quase um mês, é levada para a ONG Rua Tô Fora por ameaçar uma funcionária do Sentinela com um tirador de grampo.

FALHA:

Conflito poderia ser evitado se os funcionários da rede de proteção recebessem uma capacitação específica para lidar com as vítimas de exploração sexual comercial.

16/7/04

Consulta com psiquiatra no Centro de Atenção Psicossocial (Caps). Após duas tentativas de fuga para não ser entregue ao Conselho Tutelar, funcionária do Sentinela lhe dá suco com remédio prescrito pela psiquiatra.

FALHA:

O medicamento não poderia ser ministrado sem o consentimento de Aline.

6/7/05

Chega ao Sentinela pedindo ajuda para sair das ruas.

15/7/05

Internação na Casa de Recuperação Evangélica "Eu já sou livre".

29/8/05

Casa de recuperação comunica que ela havia fugido.

FALHA:

O Sistema de Proteção deveria contar com a retaguarda de uma casa de recuperação para as vítimas de exploração que apresentam dependência química.

ENTREVISTA | WALDEMAR OLIVEIRA

"É preciso vontade política para mudar o quadro"

A TARDE | Quais são as dificuldades encontradas para atender vítimas de exploração sexual comercial?

WO | O número de denúncias que chegam até nós é muito pequeno. Vemos que muitas meninas exploradas contam com a convivência dos pais, que fazem vista grossa porque elas ajudam no sustento da casa. Os vizinhos também não demonstram disposição em denunciar, pois a compreensão que vigora é que "a menina é descaradinha", tá transando e ganhando dinheiro.

AT | Como dar visibilidade aos casos então?

WO | Há a necessidade de ter os chamados educadores sociais, aqueles que vão ao encontro das meninas e tentam convencê-las a voltar para casa. No entanto, é comum que quando já estão sem um tostão no bolso e nenhuma perspectiva de outra vida que não seja a da exploração, as meninas acabem voltando para as ruas.

AT | O que pode ser feito para livrar essas meninas definitivamente da exploração?

WO | Qualquer trabalho para o enfrentamento da questão passa por políticas públicas para assegurar que essa adolescente

volte para a escola, tenha uma qualificação para se inserir no mercado de trabalho e, durante algum tempo, tenha uma espécie de bolsa, suficiente para lhe garantir o mínimo exigido por uma jovem, senão ela volta para as ruas. Casos isolados podem produzir algum resultado, mas no geral sem essa política não há possibilidade de sucesso.

AT | Que outras mudanças precisam ser implementadas para enfrentar o problema?

WO | No interior, os exploradores geralmente são fazendeiros, grandes comerciantes, políticos, então,

ao nosso ver, os senhores delegados ficam temerosos. É preciso vontade política para mudar esse quadro. Aqui em Salvador, estamos convencidos da necessidade de uma força policial voltada especificamente para este enfrentamento.



QUEM É
Advogado e coordenador executivo do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Yves de Roussan (Cedeca), criado em 1991 para atuar no enfrentamento de atos violentos praticados contra menores de 18 anos.